

# **ÁGUA E CULTURA NAS POPULAÇÕES TRADICIONAIS BRASILEIRAS**

**I Encontro Internacional: Governança da Água, São Paulo, novembro 2007**

**Antonio Carlos Diegues – Procam/Nupaub-USP**

**Adiegues@usp.br**

## **Introdução:**

A água é um dos elementos centrais da reprodução não somente material mas também simbólica dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Ela está presente em inúmeros mitos de criação dessas populações, da qual as divindades separaram as terras firmes. Também aparece nos mitos criadores das próprias sociedades, muitas vezes como dádiva dos deuses aos antepassados. Presente na criação do mundo, as águas são consideradas dádivas divinas abundantes e por isso mesmo o seu desaparecimento significa o fim da própria sociedade.(Diegues, 1998) Em muitas sociedades chamadas “ primitivas” a água doce das fontes, dos riachos e rios é símbolo de vida ao passo que as águas do mar simbolizam o perigo e a morte. Ambas são habitadas por seres sobrenaturais que as protegem, como Oxum, orixá das águas nos cultos afro-brasileiros, a Mãe d’Água entre os caboclos da Amazônia, Yemanjá, mãe dos peixes , as sereias e os monstros marinhos. As águas das nascentes simbolizam a pureza e a inocência e por isso devem ser especialmente respeitadas, sob pena de graves castigos.

As representações culturais das águas variam segundo as culturas, as religiões, o habitat em que se desenvolveram, sua maior ou menor disponibilidade e sazonalidade . As comunidades ribeirinhas amazônicas e pantaneiras vivem ao sabor das cheias e vazantes, expandindo sua vida social durante o período de estiagem e restringindo-a durante a subida das águas.(Silva, C e Silva, J. 1995)

Este trabalho pretende expor alguns aspectos das relações entre as populações tradicionais e povos indígenas com a água.

Uma das características básicas dessas populações é o fato de viverem em áreas rurais onde a dependência do mundo natural, de seus ciclos e de seus produtos é fundamental para a produção e reprodução de seu modo de vida. Uma grande parte delas vive à beira dos rios, lagos, igarapés e à beira-mar.

A unidade familiar e/ou de vizinhança é também uma característica importante no modo de vida dessas populações que produzem para sua subsistência e para o mercado. O conhecimento aprofundado sobre os ciclos naturais e a oralidade na transmissão desse conhecimento são características importantes na definição dessa cultura.

O extrativismo vegetal, a pesca, a agricultura itinerante, a pecuária extensiva estão entre as atividades econômicas mais importantes de grande parte desses grupos que mantiveram com a sociedade global e o mercado relações de maior ou menor intensidade, quase sempre garantindo parte de sua alimentação com produtos de suas terras, rios e mares.

Culturalmente são fruto do contato entre as culturas indígenas, européias (sobretudo a portuguesa) e posteriormente, as africanas que influenciaram a língua, as técnicas, a religião, a música, festas e danças. Para muitas delas a influência indígena foi crucial, mesmo na região sul-sudeste onde o tupi-guarani foi a língua geral de comunicação até final do século XVIII. Uma grande parte das práticas tradicionais de manejo e de conhecimento acumulado sobre a mata, os rios, lagos e o mar tem influência direta dos saberes e práticas dos povos indígenas que foram transmitidos através de gerações de forma oral. (Diegues, A e Arruda, 2001)

A noção de território é uma característica mais importante que marcam esses grupos tradicionais. O território, ocupado durante gerações, não é definido somente pela extensão territorial e os recursos naturais nele existentes mas também pelos símbolos que representam a ocupação de longa data, como os cemitérios, as roças antigas, os caminhos e também os mitos e lendas. Em algumas dessas comunidades existem formas de uso comum do território como aquelas existentes entre os faxinais do Paraná, caiçaras e pescadores artesanais.

Entre esses elementos, os rios, riachos, lagos, córregos, poços (e para as populações litorâneas, a praia e o mar) desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida. Eles garantem a água para saciar a sede dos homens e animais, para o uso doméstico, para as hortas e pomares, para transporte e navegação e para algumas dessas populações são também fonte de energia.

Para muitas delas, são também locais, habitados por seres naturais e sobrenaturais benéficos que, quando desrespeitados, podem trazer destruição e desgraça. ( Diegues,1996)

Essas populações atribuem valores às águas que são distintos daqueles utilizados pelas sociedades urbano-industriais.

### **Sociedades urbano-industriais e as tradicionais em sua relação com a água**

A água doce é necessidade básica de todos os seres humanos, mas a forma com que essa necessidade é atendida depende da *cultura*. O atendimento dessa necessidade (água para beber, irrigar, lavar, etc) é feito através de instituições criadas para esse fim: organização social para o controle no uso da água, divisão sexual para a busca e transporte da água.

Nas sociedades tradicionais a água (rios, cachoeiras, etc) é *um bem da natureza*, muitas vezes dádiva da divindade, responsável pela sua abundância ou pela sua escassez. Proveniente da natureza, a água é um *bem de uso*, em geral coletivo.

Nas sociedades urbanas e modernas, a água doce é um bem, em grande parte, *domesticado, controlado pela tecnologia* (represas, estações de tratamento), um bem público cuja distribuição, em alguns países, pode ser apropriada de forma privada ou corporativista, tornando-se um bem de troca, ou uma mercadoria.

Nas sociedades tradicionais, apesar da água ser de *uso polivalente* (beber, lavar, irrigar), existem necessidades menos diversificadas que nas sociedades urbano-industriais, pois nestas últimas a água é usada também para uma grande diversidade de usos não-domésticos e em larga escala ( produção de bens industriais, serviços, etc)..

Em ambas as sociedades as águas podem ser *contaminadas e poluídas*, mas é a cultura que define o que é e o que não é *poluição*. Nas sociedades tradicionais as atividades que geram poluição são distintas daquelas existentes nas sociedades urbanas industriais. Em ambas as sociedades a água pode ser veículo *transmissor de enfermidades*, e as sociedades tradicionais sofrem mais de doenças transmissíveis pela água contaminada que as modernas. No entanto, as causas e explicações das doenças provenientes da água contaminada são distintas em ambas as sociedades..

O uso da água tem *dimensões conflitivas e política, afetando de forma distinta as sociedades urbano-industriais e as tradicionais*. A construção de barragens e sistemas de irrigação são um exemplo típico de atividade geradora de conflitos, beneficiando em geral as primeiras e prejudicando as segundas. (Nupaub 2002).As *barragens* destinadas a abastecer as cidades com energia elétrica e água alteram os hábitos migratórios de peixes afetando negativamente as comunidades ribeirinhas que dependem da pesca. O mesmo pode ocorrer com a implantação de monoculturas irrigadas, que apresenta impactos negativos sobre o modo de vida tradicional dos “varjeiros”. No entanto, a origem dos conflitos e a forma de solucioná-los são distintas em ambas as sociedades. Em algumas situações existem conflitos entre formas tradicionais de apropriação social dos espaços aquáticos, baseados no direito consuetudinário e aquelas que tem por fundamento o direito moderno, formal.

Nas sociedades tradicionais a água, incluindo rios e lagos fazem parte de um *território e um modo de vida, base de identidades específicas ( caboclos, quilombolas, entre outras)* ao passo que nas sociedades modernas a água, como bem de consumo é desterritorializada, canalizada de outros lugares muitas vezes distantes, com os quais as populações urbanas tem pouco ou nenhum contato. Algumas dessas sociedades tradicionais no Brasil são denominadas de “ povos das águas” porque vivem em estreita dependência do elemento aquático, seja dos rios ou mares. Nas sociedades tradicionais, as *mulheres* tem uma relação social e simbólica forte com a água tanto em sua busca quanto em seu uso.(Diegues, 1996).

*Aspectos simbólicos do uso da água.* Em muitas mitologias, das águas doces se originam o mundo e as culturas humanas. Nas sociedades tradicionais, em geral marcadas pela religião, as águas doces têm um valor sagrado que se perdeu nas sociedades modernas. Lugares de onde vertem as águas, como as fontes e as grutas são considerados sagrados e que não podem ser contaminados. Muitos deles foram transformados, desde a Antiguidade em locais de culto e devoção. Mesmo no Brasil, muitas imagens milagrosas foram encontradas nos rios, como N.Sra. Aparecida e N.Sra de Nazaré, Bom Jesus de Pirapora e outros nas águas do Mar ( Bom Jesus de Iguape).(Diegues, 2000), dando origem a práticas religiosas e centros de peregrinação relacionadas com as águas doces e salgadas.

*Classificação das águas:* O conhecimento tradicional classifica as águas segundo diversos critérios, atribuindo-lhes virtudes e defeitos ligados a um simbolismo polissêmico. Em muitas sociedades tradicionais a água salgada do mar é considerada perigosa, ao passo que as águas correntes dos rios, riachos e fontes são considerados benéficos e fonte de vida. Em algumas comunidades de pescadores litorâneos a água do mar é viva e pura, ao passo que as águas das lagunas são mortas e impuras (Silva G, 2000). As águas do mar podem ser perigosas e causar naufrágios e muitos ex-votos existentes nas salas de milagre de centros de peregrinação litorâneos mostram pinturas em que santos são chamados para proteger os navegantes. Em casos mais raros, ex-votos são dedicados ao agradecimento de ribeirinhos salvos pela invocação de santos durante grandes inundações de rios.( Diegues, 2000)

A sociedades modernas também tem símbolos e mitos relacionados com as águas, bem como formas de classificação das águas e rios distintos dos existentes nas sociedades tradicionais onde simbologias e ciência se misturam.

*A sazonalidade ( periodicidade)* das águas é um elemento marcante nas sociedades tradicionais, que organizam suas atividades econômicas e sua vida social em função da estação das águas e da estação seca. Em alguns ambientes, como o Pantanal, a estação das cheias leva a uma dispersão dos moradores, muitos dos quais abandonam suas casas migrando para as cidades, e a estação da seca, que favorece os contatos e a vida social. Essa periodicidade também existe nas cidades (em algumas o verão é equivalente a

enchentes destruidoras) mas sua interpretação é distinta daquela existente nas sociedades tradicionais.

*A água como bem comum:* Ao contrário de algumas sociedades urbano-industriais, em que a distribuição da água para a população é, freqüentemente privatizada ou de propriedade do Estado, nas comunidades tradicionais esses recursos são de uso comum, e, em muitos casos, o acesso a ela é regulamentado pelo direito consuetudinário. O acesso à pesca, por exemplo, é aberto somente aos membros dessas comunidades que mantêm entre si relações de parentesco e compadrio.

### **Distribuição das Populações tradicionais por biomas no Brasil**

É difícil definir, classificar e localizar as populações tradicionais brasileiras, sobretudo as não-indígenas, entre as quais somente as indígenas e os quilombolas têm seu território assegurado pela Constituição. Muitas delas como a caiçara, a cabocla, a caipira sofreram uma redução importante em seu número, sobretudo a partir da década de 1950 quando se acelerou o processo de industrialização e modernização da agricultura que resultou em perda dos territórios tradicionais e em intensa migração para as cidades. Por outro lado, muitas comunidades tradicionais receberam migrantes de outras regiões, resultando em processos de hibridismo cultural.

As populações tradicionais indígenas e não-indígenas se distribuem por todos os biomas brasileiros. Em função do desenvolvimento histórico e das condições ambientais, determinadas regiões que estiveram mais isoladas dos grandes ciclos econômicos agro-industriais brasileiros (cana-de-açúcar, café, industrial e atualmente, soja) puderam conservar uma diversidade e um número maior de comunidades tradicionais. Assim cerca de 60 % das populações tradicionais indígenas e não-indígenas já estudadas (Nupaub/MMA, 2001) vivem no bioma Amazônico (ex: caboclos/ribeirinhos, grande parte dos povos indígenas, e inúmeros grupos quilombolas). Outros povos indígenas habitam também o Cerrado, o Pantanal, a zona costeira, entre outros.

Algumas populações tradicionais não indígenas, como os babaçueiros, os sertanejos vivem no Cerrado e na Caatinga. As demais populações tradicionais, em número mais reduzido vivem no Pantanal (os pantaneiros), nas florestas de araucária (faxinais), na Mata

Atlântica e zona costeira ( caiçaras, jangadeiros, pescadores artesanais, praieiros e açorianos), nas florestas estacionais, semidecíduais com enclaves de cerrado ( os caipiras e caboclos), e nos campos do sul do país ( gaúchos/campeiros). (Diegues, A e Arruda, 2001)

### **Algumas sociedades tradicionais e sua relação com a água.**

Como foi visto anteriormente, cada tipo de população tradicional tem uma relação específica com a água, marcada pela maior ou menor disponibilidade desse elemento e por tradições historicamente construídas. Nesse sentido, os sertanejos atribuem à água escassa e desigualmente distribuída um valor diferente daquele dado a ela pelos caboclos/ribeirinhos amazônicos ou pelos pantaneiros que dispõem de água mais abundante.

A seguir, são analisados em maior detalhe a relação entre os sertanejos, caboclos ribeirinhos e alguns povos indígenas com a água. Os sertanejos têm, no geral, pouca disponibilidade de água quando comparados com os caboclos ribeirinhos da Amazônia. Os exemplos dos povos indígenas, por outro lado, são retirados tanto do Cerrado quanto da Amazônia.

### **O Cerrado e a Caatinga : Os sertanejos e sua relação com a água**

O Semi-Árido cobre cerca de 892.000 km<sup>2</sup>, com uma população de quase 20 milhões de habitantes que vivem em cerca de 1.031 municípios distribuídos por cerca de 58% da área do Nordeste. É uma área com precipitações médias anuais iguais ou inferiores a 800 mm, e com um regime de chuvas marcado pela irregularidade em termos de espaço e tempo. O semi-árido é composto por uma grande diversidade de ecossistemas como a caatinga, as chapadas, os cerrados, os campos rupestres, os brejos de altitude e diversos tipos de floresta. A diversidade do semi-árido é fundamental para a sobrevivência das comunidades rurais e muitas espécies de plantas como as oleaginosas, as frutíferas, as gramíneas e forrageiras nativas são conhecidas e usadas. ( Nupaub,2002)

Entre as populações tradicionais presentes na área, além de alguns poucos povos indígenas( Tremembé, Pankararu, entre outros) destacam-se os *sertanejos*, que vivem

sobretudo nos Estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e norte de Minas Gerais e os *ribeirinhos/varjeiros do Rio São Francisco, entre outros*.

Os sertanejos ocupam a orla descontínua do agreste as grandes extensões semi-áridas das Caatingas e parte do Cerrado. Toda essa área compõe-se de vegetação rala, confinada pela Mata Atlântica, pela Floresta Amazônica e por zonas de matas e campinas naturais.

No Agreste, depois nas Caatingas e por fim nos cerrados, os sertanejos desenvolveram economia pastoril associada à produção açucareira.

As atividades pastoris, nas condições climáticas dos sertões cobertos de pastos pobres e com extensas áreas sujeitas a secas periódicas, conformaram não só a vida, mas também a própria figura do homem e do gado. Assim associados, multiplicando-se juntos, o gado e os homens foram penetrando terra adentro, até ocupar, ao fim de três séculos, quase todo o sertão interior.

Essa população tradicional é, em grande parte rural, caracterizada por uma grande diversidade cultural, mas também pela pobreza, pela relativamente alta densidade demográfica ( 21.6 hab/km<sup>2</sup> em 2000),vivendo numa área com estrutura fundiária concentrada. Essa população vive de cultivos comerciais (principalmente algodão) e de subsistência, aliados à criação extensiva de gado. (MMA – Secretaria dos Recursos Hídricos, 2002).

Muitas das comunidades rurais, vilas e cidades pequenas não têm acesso à água encanada e tratada, tendo de recorrer a carros-pipa. (Ministério da Integração Nacional, 2005). A região apresenta os indicadores sociais mais baixos do país, pois o analfabetismo chega a 45 % da população em algumas áreas e as doenças endêmicas como a leishmaniose cutânea e visceral, a doença de Chagas, a esquistossomose e as parasitoses intestinais são frequentes. Alguns estados da região como a Paraíba e o Pernambuco fornecem cerca de 1.437 m<sup>3</sup> de água/pessoa/ano e 1.320.m<sup>3</sup> de água/pessoa / índices considerados críticos pois estão abaixo do 2.500 m<sup>3</sup>/pessoa/ano.([www.riosvivos.org.br](http://www.riosvivos.org.br), 1.9.2005)

É uma região de *emigração* acentuada para cidades maiores do Nordeste e de outros estados do Sudeste sul, motivada freqüentemente pelos períodos de seca e pela precária situação econômica e social. Segundo o Censo de IBGE de 1980 havia cerca de 46.0 % da



população vivendo nas áreas urbanas e 49.54 % nas áreas rurais. Já em 1991, a população rural tinha diminuído passando a 39.35 %, revelando uma forte corrente migratória para as áreas urbanas no interior do próprio Nordeste. Entre 1995 e 2.000 cerca de 1.5 milhão de nordestinos abandonaram seus estados rumo ao Sudeste, grande parte oriundos do meio rural, mas a partir de 2.000, no entanto, constata-se uma diminuição no ritmo da migração do Nordeste rumo ao Sudeste.

Dada à irregularidade das chuvas e a escassez periódica a água é um elemento vital na vida do sertanejo. Vivendo da pequena agricultura, da pecuária e do extrativismo, a chuva é o fenômeno mais aguardado do ano e por vezes de vários anos. O “inverno” é o período da chuva e quando chega abundante o sertão se transforma tanto em sua paisagem quanto em sua sociedade. Nesse sentido a chuva é crucial para o sertanejo, uma vez que grande parte dos rios é temporária. No início do inverno os moradores plantam as roças, e nesse período de chuvas mantém uma intensa vida econômica e social. Já o “verão” é sinônimo de estiagem que quando se prolonga não só resulta em escassez e mesmo falta d’água, mas traz consigo a desagregação social, as marchas mais longas com o gado para se encontrar cacimbas, muitas vezes com água contaminada. Nesse sentido, o “inverno agrega e o “verão” dispersa as pessoas. Essa dispersão chega ao auge quando o sertanejo é forçado a migrar.( Mauss,1974)

Dada à irregularidade das chuvas e as ameaças constantes de escassez a água é vista como um elemento raro, dependendo da vontade da natureza. Para muitos sertanejos católicos, a clemência da natureza e o fim da escassez de água podem ser conseguidos com a ajuda dos santos e para tanto existem muitos rituais com a finalidade de prever os anos bons e os ruins de chuva. Os rituais de previsão das chuvas começam no dia de Santa Luzia (dia 13 de dezembro) com a colocação de pedras de sal ao sereno, que, quando se dissolvem, prenunciam a vinda de ano bom de chuva. O dia de São José, cerca de três meses depois é considerada uma data crucial para a vida da roça, do gado e da própria comunidade. Para os sertanejos, se não chover até aquela data, o inverno será com pouca ou nenhuma chuva. Procissões e missas são realizadas implorando ao santo que envie a chuva. Para os sertanejos, a observação de estrelas, de certas árvores como o pau d’ arco, imbiratama podem também fornecer elementos de previsão para a tão esperada chuva que

ao chegar, inicia não somente um ciclo de vida natural, mas também social e cultural. Gomes, A (1998) enfatiza a articulação entre o tempo natural e o social, marcada pela religião:

“Assim, tem-se o tempo natural que se derrama sobre o tempo bom social, cuja “abundância de alimentos e de trabalho é “inconteste” , aos olhos dos sujeitos, comparativamente ao período seco. Ao tempo ruim, uma variante da representação da seca, tem-se a escassez, a fome, a precisão, explicitada como problemática natural-religiosa. Esses elementos foram e são determinados pela ação pecaminosa do homem, pois *Deus* não faria isso gratuitamente. (p.210).

As atividades humanas ligadas à água não são igualmente distribuídas entre os membros da família. Os homens são responsáveis por levar o gado para beber, construir poços e cacimbas, realizar trabalhos de irrigação agrícola ( quando existente ), preparar o solo para o cultivo agrícola em tempo adequado para receber as primeiras chuvas. Cabe, no entanto, às mulheres e secundariamente às crianças o contato mais cotidiano e intenso com a água, pois, são elas que vão buscá-la, às vezes a grande distância, para o uso doméstico, para a lavagem da roupa, para regar a horta. Nos locais em que não existe a água encanada domiciliar, os pontos de água são locais em que as mulheres se encontram, trocando informações sobre a vida diária

Para outras populações do Semi-árido como os “ varzeiros” do Rio São Francisco, ainda que exista também a estação das chuvas – o inverno e o verão, a água não tem para esses ribeirinhos a conotação de escassez que caracteriza a vida dos sertanejos. O rio, as lagoas e várzeas são os grandes provedores de água para satisfazer as necessidades humanas, dos animais e plantas. Parte considerável dessa população vive de atividades agrícolas realizadas nas várzeas, do extrativismo e da pesca e se organiza segundo um outro ciclo: a da vazante e a da enchente do rio. Ainda que a enchente possa variar segundo o regime irregular das chuvas, pois a região como um todo está sujeita à seca, esse período se estende de outubro a março, e em abril começa a vazante. As enchentes do São Francisco fertilizavam as margens e na vazante o ribeirinho fazia seu cultivo-a roça da vazante ou do “lameiro”, onde a colheita era abundante. Nesse período intensificavam-se as atividades de pesca nas lagoas que se formavam com as enchentes. Com o refluxo das águas os peixes ficavam retidos e a pesca era abundante. (Neves, 1998, Marques, 2001). O comércio do excedente deu origem a uma intensa navegação fluvial de canoas, com suas figuras de proa, impulsionada pelos *remeiros*.

Homens e mulheres se relacionam com a água de forma distinta. Enquanto os primeiros são vaqueiros que levam o gado para beber no rio, pescadores, guias turísticos e tiram sua renda em trabalhos fluviais, as mulheres e crianças tem um contato mais direto com a água. São elas que buscam a água para o uso doméstico, muitas vezes do próprio rio para as atividades domésticas e freqüentemente se reúnem às suas margens para lavar roupa, banhar-se , conversar, receber e transmitir novidades do lugar.

O rio deu origem também a muitos mitos, como o do Caboclo d'água, ser benfazejo, mas que pode se tornar vingativo. Para os ribeirinhos, ele pode favorecer a navegação, a pesca e a lavoura de seus protegidos, mas também, quando ofendido, pode causar naufrágios de canoas, pesca infrutífera e queda de barrancos. Existe também o mito da *Mãe d'Água*, loura ou morena que mora num palácio nas profundezas do rio e costuma seduzir os jovens.( Marques, 2001)

Para os ribeirinhos, o rio é um ser vivo que apresenta comportamentos antropomórficos: dorme à noite, quando os peixes repousam nas profundezas. Ele não pode ser acordado e nesses momentos não se deve beber de sua água. ( Neves,1998)

Com a construção das barragens de Três Maria e Sobradinho o regime das águas foi alterado e os pescadores reclamam que com a redução das enchentes são também menos abundantes os cardumes de peixes que entram nas lagoas. Outra fonte de conflitos de uso das águas reside no fechamento das barras das lagoas por fazendeiros ou por grandes empresas, como a Codevasf-Cia de Desenvolvimento do São Francisco, que implantou diques e comportas para viabilizar grandes projetos de rizicultura irrigada no Baixo São Francisco. Por outro lado, os reservatórios criados pelas hidrelétricas permitiram uma especialização maior dos pescadores, muitos dos quais passaram a viver exclusivamente da pesca.(Marques, J.G. 2001)

Para os varjeiros, essas obras que alteraram o regime das águas podem tirar a vida do Velho Chico, rio vivo, que com suas enchentes e vazantes fazia pulsar a economia local dos pequenos produtores.

## **A Amazônia: Os caboclos ribeirinhos e os povos indígenas e sua relação com a água**

Ao contrario do que ocorre com a escassez da água que atinge os sertanejos, os povos indígenas e caboclos/ribeirinhos da Amazônia convivem num ambiente marcado pela abundância de água e de mata.

O bioma Amazônia tem cerca de 8 milhões de km<sup>2</sup> dos quais quase 4 milhões de km<sup>2</sup> encontram-se em território brasileiro. O principal coletor da bacia é o Rio Amazonas e seus afluentes. As várzeas e áreas inundáveis são habitats importantes para a flora, fauna e também para os humanos, (algumas são de grandes dimensões cuja largura varia de 20 a 100 quilômetros), representando cerca de 3 -5 % do território amazônico. A principal característica do regime fluvial amazônico é a raridade de uma estiagem longa e acentuada e de uma importante estação de cheias que se prolonga por quatro a cinco meses, segundo as várias sub-regiões inundando várzeas, conformando novas redes de igarapés, furos, paranás e lagos de várzea. As médias pluviométricas anuais giram em torno de 2 a 3.000 mm. As chuvas distribuem-se ao longo do ano, sendo mais abundantes entre janeiro e março enquanto que o período de estiagem ocorre entre agosto e novembro. Aí existem as florestas periodicamente inundadas como as matas de várzea, igapós, florestas de planície inundável, manguezais e matas de várzeas e marés e florestas permanentemente inundadas, como as florestas de pântano, igapós permanentes além de outros tipos de florestas não-inundáveis ( de terra-firme, campos e savanas.) ( Nupaub, 2002)

Há várias categorias de populações tradicionais nessa bacia, destacando-se, entre outros, os povos indígenas, os caboclos/ribeirinhos, os quilombolas, pescadores artesanais.

#### **4.2.1 Os caboclos/ribeirinhos e sua relação com a água.**

As populações tradicionais não-indígenas da Amazônia caracterizam-se, sobretudo, por sua grande dependência das águas dos rios, igarapés como fonte de água para uso doméstico, para a navegação e para retirar grande parte da proteína que consome. O consumo de pescado é a mais elevada do mundo atingindo cerca de 60 kg por pessoa/ano.

Os caboclos/ribeirinhos vivem, em sua maioria, à beira de rios, igarapés, igapós, lagos e várzeas. Quando as chuvas enchem os rios e riachos, esses inundam lagos e pântanos, marcando o período das cheias que, por sua vez, regula a vida dos caboclos. Esse ciclo sazonal rege as atividades de extrativismo vegetal, agricultura e pesca dos habitantes

da região. Quando começa a cheia, torna-se difícil fazer roça, e mesmo a pesca e a caça ficam mais difíceis e nesse sentido, esse período dificulta a vida social. Esses caboclos são extrativistas e agricultores que produzem em regime familiar, vendendo o excedente e, freqüentemente, em períodos de maior demanda por força de trabalho, usam o sistema de troca de dias de trabalho entre vizinhos. Como os terrenos ocupam beiras dos rios, os ribeirinhos podem tirar proveito das várzeas, plantando e colhendo produtos alimentícios, em particular, a mandioca, mas também frutas e ervas medicinais. Das florestas extraem o látex da borracha para a venda e também a castanha-do-pará, além de criarem pequenos animais domésticos e, às vezes, possuem algumas cabeças de gado. Moram em casas de madeira construídas em palafita, mais adequadas ao sistema das cheias. (Diegues, A e Arruda, R.2001).

A atividade da pesca constitui importante fonte de proteína e de renda. Hoje, em muitos rios, esses pescadores ribeirinhos enfrentam a concorrência de pescadores comerciais provenientes das cidades, que pescam com rede e outros equipamentos mais predadores e proibidos, como arrastões e redes-malhadeiras, e vendem a produção, muitas vezes, para as geleiras. Essa pesca predatória realizada pelos barcos compete diretamente com o sistema de pesca local, causando graves conflitos. Em alguns casos, os caboclos/ribeirinhos tentam proteger seus lagos contra a incursão dos barcos comerciais, iniciando sistemas de manejo por meio de zoneamento, reconhecidos pelo IBAMA, nos quais alguns desses lagos são fechados à pesca comercial.

Os caboclos/ribeirinhos possuem vasto conhecimento da várzea, do rio e da mata, coletando alimentos, fibras, tinturas, resinas, ervas medicinais, bem como materiais de construção. Eles utilizam produtos vegetais, que podem ser agrupados em manejados e não-manejados. Entre os primeiros estão as espécies vegetais que crescem em roças abandonadas, incluindo palmeiras e árvores, como bananeiras, cacau e goiaba.

Entre as espécies não-manejadas estão a castanheira, árvores de cipó e palmeiras. Os caboclos possuem também conhecimento da qualidade do solo observando a vegetação nele existente, e a decisão de plantar num determinado terreno baseia-se nesse conhecimento.

A Amazônia é uma das regiões brasileiras que recebeu grandes fluxos migratórios no período da borracha e mais recentemente atraiu e ainda atrai imigrantes de várias regiões brasileiras que vão aí trabalhar como colonos, mineradores, etc.

Por outro lado existem fluxos migratórios importantes entre as zonas rurais ribeirinhas e as capitais dos Estados e outras cidades maiores da região. Assim tomando-se por exemplo, os dados dos censos do IBGE constata-se que os municípios da região do Baixo Curso do Rio Tapajós, (Alenquer, Aveiro, Itaituba, Monte Alegre, Prainha, Santarém), no Pará tinham em 1980 uma taxa de urbanização de 33.7%, passando a 46.6% em 2.000 revelando um fluxo importante de migração rural urbana dentro da região. Esse padrão de migração intra-regional é constante para a maioria dos municípios da Bacia Amazônica, sobretudo para as capitais dos Estados, como Manaus, Belém, Porto Velho, Macapá, etc criando problemas de saúde, educação, desemprego e violência nas áreas urbanas. (Nupaub, 2002)

Ainda segundo o IBGE (2000), a bacia Amazônica é a mais deficiente em abastecimento de água encanada (52 % de déficit) e rede de esgoto (64 % de déficit). Quando se tomam em consideração regiões interioranas, a situação é ainda pior. Assim na região do Baixo Curso do Rio Tapajós, citada anteriormente somente 14,2 % dos domicílios são servidos por rede de água, o serviço de esgoto público é praticamente inexistente e a coleta de lixo atinge somente 10.3 % dos domicílios. (Nupaub, 2002)

Tanto os povos indígenas quanto os caboclos/ribeirinhos tem um grande conhecimento sobre rios, igarapés e lagos e sobre os seres vivos que neles habitam. O conhecimento tradicional desses povos se relaciona com inúmeros aspectos da vida dos rios e suas relações com a floresta, dos tipos e hábitos dos peixes, como migração, alimentação, época e lugares de desova dos cardumes, etc. Desenvolveram também inúmeras técnicas de captura como armadilhas fixas de baixo impacto sobre os cardumes.

Homens e mulheres se relacionam com a água de modo diferenciado. Enquanto a maioria das tarefas extrativistas florestais (produção de borracha, coleta de castanha e outras frutas), a pesca e caça nos rios e igarapés, a preparação do terreno da várzea para a agricultura é realizada por homens, as mulheres e crianças são responsáveis pela retirada da água para o uso doméstico e por algumas tarefas agrícolas ( plantio e colheita na várzea ), e artesanais. Os igarapés também são muito usados para atividades de lazer.

As moradias também são construídas em palafitas, adaptadas aos períodos cíclicos de enchente e vazante que, em parte, são determinantes no estilo de vida dessas populações

que vivem dos rios e das florestas. Em rios como o Solimões, as chuvas intensas se prolongam de novembro a janeiro quando aumenta os índices de doenças tropicais como a malária, a hepatite. O contato entre as comunidades só pode ser feito por barco, pois os caminhos ficam inundados. Já a vazante vai de abril a julho, sendo caracterizada por um período de insetos e pragas. A estiagem se estende de agosto a outubro. Nesse período faz-se o plantio nas várzeas ou terras molhadas, intensifica-se a pesca. Os caminhos entre as casas voltam a ser transitáveis, intensificando-se a vida social.

Entre os caboclos ribeirinhos existem lendas sobre a Mãe d'água para a qual é necessário se dar presentes para que a pesca seja abundante, sobre a Iara, o Boto, etc.. Outros mitos narram as relações amistosas entre os seres dos rios e das matas que garantem a vida dos homens que, por sua vez, não devem perturbá-las. Esse rico universo simbólico é fundamental para garantir a identidade do grupo e sua relação com as águas que são consideradas parte integrante do seu território ancestral. (Fraxe, 2000)

### **Alguns povos indígenas e sua relação com a água.**

A água de rios, riachos, igarapés, igapós e lagos tem uma importância vital para os povos indígenas e alguns mitos narram que algumas dessas sociedades tem sua origem relacionada com a água doce, considerada um ser vivo que deve ser respeitado. Muitas dessas sociedades dependem da pesca e da caça de animais que vivem à beira dos rios.

Esses povos desenvolveram mitos que relatam o surgimento da tribo, dos ancestrais, a partir das relações entre os seres da água e os humanos. Esses seres podem causar harmonia ou desarmonia e rituais de pesca são realizados para obter sua permissão para se entrar no rio e capturar os peixes.

Um mito do povo Parakanã, do Sudeste do Pará narra seu surgimento através do mito do dilúvio:

*“Há muito tempo, no começo do mundo, seu povo estava reunido, dançando e cantando em uma grande festa. Quando estavam cansados, foram para as redes e pediram que as mulheres não fizessem barulho. Uma delas desobedeceu, eles se zangaram e provocaram, através de poderes xamânicos, uma grande inundação. Se salvaram, fazendo uma das casas voar com toda a tribo, mas atiraram nas águas a mulher que*

*provocou a ira dos homens, responsabilizando-a pela inundação. Dois irmãos, que estavam na mata colhendo resina e penas para enfeitar o corpo subiram em um pé de bacaba e apenas um se salvou. Este, com a ajuda dos animais conseguiu secar as águas. Vivendo na mata, encontrou uma mulher, a mesma que havia sido atirada nas águas, e que foi salva pelos animais. Casou-se com ela e os dois deram início à etnia Parakanã*  
“(Silva, Rita. 2001.)

Para os Metutire ( grupo Caiapó-MT/PA) a água é considerada um elemento que estimula o crescimento físico e o amadurecimento psico-social e as mulheres costumam mandar as crianças banharem-se na chuva para que cresçam rapidamente. Os Mebengocrê (povo do buraco d´água, também Caiapó) retratam a íntima relação entre sua gente e a água através de muitos mitos. Narra-se,

*“ por exemplo a história de um pajé-uianga- que teve seu corpo queimado e pulou na água para aliviar as dores. Permanecendo por algum tempo submerso, conviveu com os peixes que lhe ensinaram nomes, danças e cantos e aprendeu ainda que eles chamavam suas filhas de Becué e seus filhos de Bep. Quando retornou, ele dançou no centro da aldeia e deu o nome Becué à sua neta e Bep ao seu neto, distribuindo os nomes restantes para as outras casas, ensinando o ritual para toda a comunidade.”.(Pinagé, P. 2004; p18)*

Os Aúwe Xavante (MT) distinguem dos tipos de água: a dos rios, identificada como água viva e a dos lagos e lagoas, considerada água parada ou morta, sendo que cada uma delas tem seus donos. Os donos ou espíritos da água viva (Otedewa) são generosos, alertam os adolescentes contra os perigos dos rios, controlam peixes e jacarés e curam determinadas doenças Já os espíritos, donos das águas mortas ( Uutedewa) vivem no fundo dos lagos são hostis e perigosos e por isso os índios precisam pedir-lhes permissão, fazendo rituais que precedem a pesca. ( Giaccaria e Heide, 1972)

Berta Ribeiro (1995) revela a cosmogonia dos Desâna, intimamente ligada à água, revelando o profundo conhecimento que esse povo tem da flora e fauna aquática. “Esses índios associam fenômenos como o da piracema (migração dos peixes)” ao aparecimento,



no horizonte, de certas constelações identificadas pelos Desâna, as quais são acompanhadas de chuvas que recebem o mesmo nome”.( p.172)

Muitos dos rios que atravessam terras indígenas começam a ser degradados por atividades de mineração, poluição por mercúrio, por agrotóxico proveniente de monoculturas de exportação e desmatamento das matas ciliares, tornando cursos d’água próximos às aldeias impróprios para o uso doméstico. (Ab´Saber, A. 1988; Leonel, 1998)

### **Bibliografia**

Ab´Saber, A 1988 *Problemas de Desmatamento em áreas interfluviais na Amazônia*, SBPC, São Paulo

Diegues, A e Arruda, R. 2001 *Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil*, MMA Brasília

Diegues, A. 1998 *Ilhas e Mares, simbolismo e imaginário*, Hucitec/Nupaub, SP

Diegues, A.(org). 2000 *A imagem das águas*, Hucitec/Nupaub, SP

Diegues, A 1996 *O mito moderno da natureza intocada*, Hucitec/Nupaub, SP

Fraxe, T 2000 *Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas*. Annablume, SP

Giaccaria,B e Heide, A, 1972: Xavante, Ed.Salesiana, in Torres, M. ( org) 2005 *Amazônia revelada: os descaminhos ao longo da BR-163*, CNPq-Brasília

Gomes, A 1998 *Imaginário Social da Seca*, Ed. Massangana, Recife

ISA- Instituto Socioambiental,1996 *Terras indígenas do Brasil*, SP

Leonel, M 1998 *A morte social dos rios: conflito, natureza e cultura na Amazônia*, Editora Perspectiva, SP

Marques, J.G. 2001 *Pescando Pescadores* ( 2ª.edição), NUPAUB-USP, SP

Mauss, M. , 1974 Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. In *Sociologia e Antropologia*, EDUSP, vol II, S.P.

MMA –Secretaria dos Recursos Hídricos, 2002 *Avaliação das águas do Brasil*, Brasília

Ministério da Integração Nacional, 2005 Relatório Final: *Grupo de trabalho interministerial para a re-delimitação do Semi-Árido Nordestino e do Polígono das Secas*, Brasília

Neves, Z. 1988 *Navegantes da Integração: Os remeiros do Rio São Francisco*, Edit. UFMG, Belo Horizonte

Nupaub ( 2002) *Povos e águas*, A Diegues ( org). Nupaub-USP

Pinagé, P ( 2004) *Caiapó Metutire: os guerreiros pintados de negro*, Dialeto, Latin American Documentary, SP

Ribeiro, D 1995 *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. S.P. Cia das Letras

Ribeiro, B. 1995, *Os índios das águas pretas: modo de produção e equipamento produtivo*, EDUSP, SP.

Silva. R.C. 2001 *O mito na cultura Parakanã: análise comparativa entre as narrativas da “ casa voadora” e a “ arca de Noé*, in Simões, M.S. ( org) *Cultura e Biodiversidade: entre o rio e a floresta*. UFPA, Belem

Silva, G. 2000 *Tudo o que tem na terra tem no mar: a classificação dos seres vivos entre os trabalhadores da pesca em Piratininga, RJ*, in Diegues. A.(organizador):*Imagem das Águas*, Hucitec/Nupaub-USP,SP

Silva,C. e Silva, J. 1995 *No ritmo das águas do Pantanal*, NUPAUB/USP, SP

Portais consultados

[www.cienciaecultura.bvs.br](http://www.cienciaecultura.bvs.br)

[www.cpisp.org.br](http://www.cpisp.org.br)

[www.riosvivos.org.br](http://www.riosvivos.org.br)

[www.MAB-mabnacional.org.br](http://www.MAB-mabnacional.org.br)

[www.asabrazil.org.br](http://www.asabrazil.org.br)

